

Pontuação e teorias do texto e do discurso: comparando o uso de parênteses e de travessões duplos em dois jornais de uma mesma empresa de comunicação de Porto Alegre/RS

Maria Luci de Mesquita Prestes¹

Resumo

Segundo Chacon (1998), a pontuação atua em várias dimensões da linguagem, mas o autor ressalta a fônica, a sintática, a textual e a enunciativa. Direcionamos, neste trabalho, nosso foco para a dimensão enunciativa, em que os sinais de pontuação são vistos como marcas enunciativas do processo de escrita e da atividade do escritor de organizar seu texto e, ao mesmo tempo, mostrar-se como sujeito desse processo de escrita. Tratamos aqui, mais especificamente, do uso de dois sinais: os parênteses e os travessões duplos, os quais estão entre aqueles denominados por Catach (1980) como “signos de enunciação”. Para este trabalho, damos continuidade à análise de textos de dois jornais de uma mesma empresa jornalística de Porto Alegre/RS: *Zero Hora* e *Diário Gaúcho*, sendo este segundo um jornal de apelo mais popular. Em nossas análises, procuramos observar como se comporta o emprego de parênteses e de travessões em tais textos. O que já havíamos constatado e que buscamos retomar para verificar se existiria uma continuidade é que predominava o emprego de travessões no jornal *Zero Hora* e de parênteses no *Diário Gaúcho*. Atribuíamos esse emprego ao fato de os travessões parecerem ser sinais carregados de maior “erudição”. O que pudemos agora constatar é que, atualmente, não há tanta diferenciação no emprego desses sinais, havendo um certo equilíbrio no seu emprego em ambos veículos de comunicação. Contudo, ainda se percebe alguma predominância de certas explicações – especialmente de termos não tão usuais – no DG – e neste, mais reiteradamente, em itálico –, o que ainda é possível relacionar a certos diferenciais entre os públicos a que se destinam esses periódicos. Palavras-chave: Parênteses. Travessões. Teorias do Texto e do Discurso. Enunciação. Bakhtin.

1 Introdução

Neste trabalho, damos continuidade à análise, realizada em 2006, de textos de dois jornais de uma mesma empresa jornalística de Porto Alegre/RS: *Zero Hora* e *Diário Gaúcho*, sendo este segundo um jornal de apelo mais popular. Em nossas análises, procuramos observar como se comporta o emprego de parênteses e de travessões em tais textos. O que já havíamos constatado e que buscamos retomar para verificar se existiria uma continuidade é que predominava o emprego de travessões no jornal *Zero Hora* e de parênteses no *Diário Gaúcho*. Atribuíamos esse emprego ao fato de os travessões parecerem ser sinais carregados de maior “erudição”. O que pudemos agora constatar é que, atualmente, não há tanta

¹ Doutora em Estudos da Linguagem (UFRGS), professora da FAPA e da RME de Porto Alegre. E-mails: malupre@terra.com.br, marialuci@fapa.com.br

diferenciação no emprego desses sinais, havendo um certo equilíbrio no seu uso em ambos veículos de comunicação, conforme demonstraremos em análise a seguir, após uma revisão bibliográfica acerca de pontuação – em geral e, mais especificamente, sobre parênteses e travessões – e de estilo – numa perspectiva bakhtiniana.

2 A pontuação

Nesta revisão acerca de pontuação, primeiramente tratamos das dimensões em que ela atua, atendo-nos à enunciativa. Na sequência, abordamos algo mais específico sobre parênteses e sobre travessões.

2.1 Dimensões da pontuação

Chacon (1998), embora acreditando que a atuação da pontuação aconteça, de modo simultâneo, em várias dimensões da linguagem, trata, em sua obra, para facilitar sua exposição, da pontuação nas seguintes dimensões: fônica, sintática, textual e enunciativa. Considerando a dimensão fônica, salienta-se o papel da pontuação de assinalar pausas e de delimitar contornos entonacionais. Na dimensão sintática, a pontuação é vista como o conjunto dos sinais gráficos – chamados por alguns autores de notações sintáticas ou lógicas, pois, sobretudo na tradição gramatical, a sintaxe está na base da própria caracterização da pontuação – que têm como finalidade discriminar os diversos elementos sintáticos da frase. Na dimensão textual, remete-se a aspectos gerais da organização textual e de sua pontuação, mas o autor destaca, entre esses aspectos, a topicalização e a coesão. Levando em conta a dimensão enunciativa, os sinais de pontuação são considerados marcas enunciativas do processo de escrita e da atividade do escritor de organizar seu texto e, ao mesmo tempo, mostrar-se como sujeito do que escreveu.

Numa perspectiva discursiva, segundo Orlandi (2001, p. 114), a ordem do discurso – ou seja, o efeito de sentidos entre os locutores – materializa-se no texto, e essa materialização tem como vestígio a organização textual, na qual se insere a pontuação, cujo papel, observa Orlandi (2001, p. 116, grifo do autor), “serve para dar uma dimensão ao discurso no espaço textual. O texto dimensiona, por assim dizer, o discurso, e a pontuação é um de seus ‘instrumentos’.” A pontuação, ainda conforme a autora, organiza a memória, produzindo legibilidade, relação regrada com os sentidos, num gesto de interpretação.

Assevera a autora (ORLANDI, 2001, p. 126) que a pontuação indica como o sujeito lê, como compreende os sentidos, por meio de um dispositivo de organização do texto, tendo como ponto de partida o discurso em questão.

Considerando, de modo mais específico, a dimensão enunciativa da pontuação, Chacon (1998, p. 195), ao tratar da expressividade na escrita, diz que ela está relacionada ao envolvimento de quem escreve com a construção de seu objeto de escrita, ou seja, da organização e manifestação de seus estados subjetivos através de outro código de expressão verbal que não seja a oralidade. Esses estados são construídos e expressos na escrita através não só de palavras, mas também da pontuação.

Ainda de acordo com Chacon (1998, p. 197), as unidades a serem pontuadas serão definidas e integradas em função da atividade enunciativa da escrita. E, por exemplo, caso haja a coincidência entre a delimitação de uma unidade com o que é conhecido tradicionalmente como domínio sintático, não é esse domínio em si mesmo, autonomamente, que operará a identificação de tal unidade, e, muito menos, definirá os sinais de pontuação possíveis de delimitá-la, pois nenhum nível da linguagem pode fornecer exclusivamente as normas para o emprego da pontuação.

Também de conformidade com o autor (CHACON, 1998, p. 129), a atividade de pontuar é plenamente enunciativa, pois é relativa à subjetivação da linguagem, ao ato de colocar-se concretamente a linguagem em exercício por meio da escrita. Assim, os sinais de pontuação fazem mais do que propriamente delimitar enunciados: eles caracterizam o próprio processo em que ocorre a atividade comunicativa. Deve-se, portanto, associar a pontuação às condições de produção dos textos. Consequentemente, não é a remissão apenas a categorias de cunho eminentemente linguístico que possibilita serem explicados os empregos de sinais de pontuação. Os diferentes modos de enunciar são determinantes da pontuação. Isso pode ser comprovado pelas mudanças nas maneiras de pontuar decorrentes de mudanças de concepção de organização das próprias construções linguísticas.

Catach (1996, p. 106-107, grifo do autor) vê a enunciação como um aspecto essencial concernente à pontuação, a qual, segundo ela,

[...] vai aparecer não somente em função do enunciado (suporte e conteúdo a transmitir), mas em função das relações entre os sujeitos falantes, de sua experiência própria, dos objetivos que são fixados, etc., o que E. Benveniste chama de “categoria de pessoa”.²

² Em português: BENVENISTE, E. Da subjetividade na linguagem. In: _____. *Problemas de linguística geral*. 4. ed. Campinas, SP: Pontes; Ed. UNICAMP, 1995. p. 284-293. v. I.

A importância da noção de presença do sujeito é retomada em outro texto de Catach (1998, p. 38), no qual a autora observa que essa noção, advinda da descoberta dos fenômenos da enunciação, é esclarecedora para dar a ver “o alfa e o ômega” do uso da pontuação.

Catach (1996, p. 113) afirma que a escolha da pontuação vai depender das situações, dos gêneros, do autor e dos estilos. Essa ideia vai ao encontro da perspectiva enunciativa bakhtiniana:

A época, o meio social, o micromundo [...] que vê o homem crescer e viver, sempre possui seus enunciados que servem de norma, dão o tom [...]. Toda época, em cada uma das esferas da vida e da realidade, tem tradições acatadas que se expressam e se preservam sob o invólucro das palavras, das obras, dos enunciados, das locuções, etc. (BAKHTIN, 1992b, p. 313).

Outro autor que traz a dimensão enunciativa da pontuação como inegável é Leblanc (1998, p. 88). Para ele, a pontuação é um marcador da enunciação.

2.2 Parênteses

Entre os sinais denominados por Catach (1980, p. 17) como “signos de enunciação”, a autora considera os parênteses.

Lorceau (1980, p. 91), remetendo a Cardinal, diz que o uso de expressões entre parênteses também funciona como um modo de estabelecer uma relação direta com o interlocutor.

Bessonat (1991, p. 12) coloca os parênteses entre os sinais de desengate enunciativo empregados em uma pontuação dita polifônica.³

Considerando os parênteses como um signo eminentemente subjetivo, Catach (1996, p. 73) ressalta o contato direto do locutor marcado por esse sinal.

Serça (1998, p. 120-122) considera os parênteses como sinais demarcatórios tanto sintática quanto enunciativamente. De acordo com a autora, o desligamento operado pelo uso desse sinal de pontuação, que reforça a decalagem enunciativa, é, em si mesmo, um ato discursivo de dimensão polifônica e metalinguística. Eles permitem colocar em cena um enunciador distinto do que assume a enunciação. Ainda de acordo com a autora, os parênteses, que são também “como as *costuras aparentes* de um texto patchwork.”,

³ Essa polifonia é vista na perspectiva de DUCROT, O. Esboço de uma teoria polifônica da enunciação. In: _____. *O dizer e o dito*. Campinas, SP: Pontes, 1987. p. 161-218. Nessa perspectiva, há uma distinção entre locutor e enunciador. O locutor é aquele que, segundo o enunciado, é responsável pela enunciação. Ele deixa marcas em seu enunciado, podendo pôr em cena diferentes enunciadores, que representam diferentes pontos de vista.

introduzem uma enunciação secundária relacionada a uma enunciação principal (SERÇA, 1998, p. 124, grifo do autor).

Rosier (1998, p. 358) considera o caráter enunciativo desse sinal de pontuação: “Discurso dentro do discurso e sobre o discurso, os parênteses jogam tanto com o dizer quanto com o dito.”

2.3 Travessão

Catach (1980, p. 17) inclui ainda o travessão entre os sinais por ela denominados “signos de enunciação”.

Fazendo menção a Cardinal, Lorenceau (1980, p. 91) diz que o uso de expressões entre travessões funciona como um tipo de relação direta estabelecida com o interlocutor.

Entre os sinais de desengate enunciativo empregados em uma pontuação dita polifônica, Bessonat (1991, p. 12) coloca também os travessões.

Segundo Rosier (1998, p. 359), quando usado em dupla, o travessão “serve para isolar um segmento relevante do discurso citante ou ainda uma intervenção completa, discurso citado e citante”.

Tratando de sinais que marcam uma decalagem enunciativa, Serça (1998, p. 122) traz entre eles os travessões, que são, segundo ela (SERÇA, 1998, p. 124, grifo da autora), à semelhança dos parênteses, “como as *costuras aparentes* de um texto patchwork.”

3 O estilo

A pontuação está intimamente ligada à enunciação, e, por conseguinte, a questões relativas ao estilo:

As mudanças históricas dos estilos da língua são indissociáveis das mudanças que se efetuam nos gêneros do discurso. **A língua escrita corresponde ao conjunto dinâmico e complexo constituído pelos estilos da língua, cujo peso respectivo e a correlação, dentro do sistema da língua escrita, se encontra num estado de contínua mudança.** [...] Os enunciados e os tipos a que pertencem, ou seja, os gêneros do discurso, são as correias de transmissão que levam da história da sociedade à história da língua. **Nenhum fenômeno novo (fonético, lexical, gramatical) pode entrar no sistema da língua sem ter sido longamente testado e ter passado pelo acabamento do estilo-gênero.**

[...] **A ampliação da língua escrita** [...] acarreta em **todos os gêneros** (literários, científicos, ideológicos, familiares, etc.) a aplicação de um **novo procedimento na organização e na conclusão do todo verbal** e uma **modificação do lugar que será reservado ao ouvinte ou ao parceiro, etc.**, o que leva a uma maior ou menor

reestruturação e renovação dos gêneros do discurso. (BAKHTIN, 1992b, p. 285-286, grifo nosso).

Essa questão relacionada à forma é tratada por Bakhtin (1992b, p. 315, grifo nosso) em outra passagem: **“O enunciado, seu estilo e sua composição são determinados pelo objeto do sentido e pela expressividade, ou seja, pela relação valorativa que o locutor estabelece com o enunciado.”** A forma consiste, portanto, na “expressão verbal de uma relação subjetiva e ativa com o conteúdo” (BAKHTIN, 2002b, p. 59). E é o contexto social concreto que determina toda a estrutura estilística do discurso, “sua ‘forma’ e seu ‘conteúdo’, sendo que os determina não a partir de fora, mas de dentro, pois o diálogo social ressoa no seu próprio discurso, em todos os seus elementos, sejam eles de ‘conteúdo’ ou de ‘forma’.” (BAKHTIN, 2002b, p. 106, grifo do autor).

A composição e o estilo do enunciado, segundo Bakhtin (1992b, p. 321), dependem também de seu destinatário, da percepção que o locutor (ou o escritor) tem desse destinatário, da força que este exerce sobre o enunciado. O estilo, conforme o autor, “é definido por uma relação criativa e substancial do discurso com o seu objeto, com o próprio falante e com o discurso de outrem; ele tende a fazer com que o material se comunique organicamente com a linguagem e a linguagem com o material.” (BAKHTIN, 2002b, p. 174).

O começo de um estilo situa-se, para Bajtín⁴ (1997, p. 162), “ali onde no cenário surge um falante que realiza uma seleção.” Entretanto, observa o autor, “tudo o que é capaz de selecionar (qualquer indício, qualquer matriz estilística), se encontra potencialmente na língua.”

O estilo, ainda de acordo com o autor,

[...] compreende organicamente em si as indicações externas, a correlação de seus elementos próprios com aqueles do contexto de outrem. A política interna do estilo (composição dos elementos) determina sua política exterior (com relação ao discurso de outrem). O discurso como que vive na fronteira do seu próprio contexto e daquele de outrem. (BAKHTIN, 2002b, p. 92).

[...] está indissolúvelmente ligado ao enunciado e a formas típicas de enunciados, isto é, aos gêneros do discurso. [...]

Uma dada função (científica, técnica, ideológica, oficial, cotidiana) e dadas condições, específicas para cada uma das esferas da comunicação verbal, geram um dado gênero, ou seja, um dado tipo de enunciado, relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e estilístico. O estilo é indissociavelmente vinculado a unidades temáticas determinadas e, o que é particularmente importante, a unidades composicionais: tipo de estruturação e de conclusão de um todo, tipo de relação entre o locutor e os outros parceiros da comunicação verbal [...]. O estilo entra como elemento na unidade de gênero de

⁴ Optamos por conservar, nas referências, as grafias em português (Bakhtin) e espanhol (Bajtín), conforme o idioma das obras consultadas.

um enunciado. [...] os estilos da língua pertencem por natureza ao gênero [...]. (BAKHTIN, 1992b, p. 282-284, grifo nosso).

Reiterando essas ideias: **“A situação e os participantes mais imediatos determinam a forma e o estilo ocasionais da enunciação.”** (BAKHTIN, 1992a, p. 114; BAJTÍN, 1998, p. 77, grifo nosso). A forma, então, “é a expressão da relação axiológica ativa do autor-criador e do indivíduo que percebe (cocriador da forma) com o conteúdo” (BAKHTIN, 2002b, p. 59).

A *“adequação do estilo leva em conta a adequação hierárquica valorativa da forma e do conteúdo [...].* A escolha do conteúdo e a da forma são um mesmo ato que estabelece a posição principal do criador.” (BAJTÍN, 1997, p. 127, grifo do autor). **“O tom principal do estilo de uma enunciação se determina [...] em função da pessoa de quem se trata e da relação em que se encontra com o falante”**, o que vai determinar **“também sua estrutura formal.”** (BAJTÍN, 1997, p. 129, grifo nosso).

A “participação ativa de cada enunciação”, observa Bakhtin (2002b, p. 82),

[...] define para o plurilinguismo vivo o seu aspecto linguístico e o estilo da enunciação, não em menor grau do que sua pertença ao sistema normativo-centralizante da língua única. [...]

Trata-se da língua do dia, da época, de um grupo social, de um gênero, de uma tendência, etc. [...]

O verdadeiro meio da enunciação, onde ela vive e se forma, é um plurilinguismo dialogizado, anônimo e social como linguagem, mas concreto, saturado de conteúdo e acentuado como enunciação individual.

Remetendo à máxima “O estilo é o homem.”, Bajtín (1997, p. 135) a reformula: “o estilo são pelo menos dois homens, ou, mais exatamente, é o homem e seu grupo social na pessoa de seu representante ativo – o receptor –, que é o partícipe permanente dos discursos interno e externo do homem.”

Ressalta Bakhtin (1992b, p. 326, grifo do autor): “É sob uma maior ou menor influência do destinatário e da sua presumida resposta que o locutor seleciona *todos* os recursos linguísticos de que necessita.” Recursos esses que podem ser de cunho lexical, morfológico ou sintático. Contudo, lembra Bakhtin (2002a, p. 227): “Nenhuma definição linguístico-formal do discurso pode cobrir-lhe as funções [...]. Os autênticos fatores formadores do estilo ficam fora do campo de visão da estilística linguística.”

E reitera:

Pode-se dizer que a gramática e a estilística se juntam e se separam em qualquer fato linguístico concreto que, encarado do ponto de vista da língua, é um fato gramatical, encarado do ponto de vista do enunciado individual, é um fato estilístico. **Mesmo a seleção que o locutor efetua de uma forma gramatical já é um ato estilístico. Esses dois pontos de vista sobre um único e mesmo fenômeno concreto da língua não devem porém excluir-se mutuamente, substituir-se**

mecanicamente um ao outro, devem combinar-se organicamente (com a manutenção metodológica de sua diferença) sobre a base da unidade real do fato linguístico. Apenas uma compreensão profunda da natureza do enunciado e da particularidade dos gêneros do discurso pode permitir a solução desse complexo problema de metodologia. (BAKHTIN, 1992b, p. 286-287, grifo nosso).

4 O uso de parênteses e de travessões duplos nos jornais *Zero Hora* e *Diário Gaúcho*

Antes de apresentarmos a análise a que procedemos, trazemos algumas informações para melhor situá-la.

4.1 O contexto da pesquisa

Zero Hora e *Diário Gaúcho* são jornais publicados pela mesma empresa, a RBS – Rede Brasil Sul de Comunicação, com sede em Porto Alegre/RS, atuando em diversas mídias – faladas, visualizadas e escritas –, com abrangência em todo o estado do Rio Grande do Sul e no de Santa Catarina, nos quais ela transmite a programação nacional da Rede Globo de Televisão.

O jornal *Zero Hora* – comumente chamado a (em concordância com o substantivo que faz parte de seu nome) Zero ou ZH (como o identificamos nos exemplos analisados) – começou a circular em 1964 (ZERO..., [s. d.]). Em 2010, ocupou o 6º lugar no *ranking* dos maiores jornais de circulação paga do Brasil (ASSOCIAÇÃO..., [2011]). Pode ser adquirido por assinatura ou em pontos de venda direta. Costuma ter, em média, cinquenta e cinco páginas – fora cadernos sobre temas diversos ou com anúncios classificados. Nas edições de domingo, seu número de páginas em cadernos e classificados costuma ultrapassar o do “corpo” do jornal.

O *Diário Gaúcho* – comumente chamado DG (como o identificamos nos exemplos em análise) – teve sua circulação iniciada em 2001 (DIÁRIO... [s. d.]). É um jornal de cunho mais popular. Apesar de circular mais restritamente na região da Grande Porto Alegre e de não ser vendido por assinatura, em 2010 ocupou a 9ª posição no *ranking* nacional brasileiro dos maiores jornais de circulação paga (ASSOCIAÇÃO..., [2011]). Custa em torno de 1/3 do que custa *Zero Hora*, e seu número médio de páginas é de trinta e seis, costumando não ultrapassar cinquenta, mesmo quando tem anúncios classificados. Nos finais de semana, sua edição é única para sábado e domingo.

Primeiramente cumpre registrar que, em 2006, fizemos um levantamento do uso de travessões e de parênteses na ZH e no DG, em um pequeno corpus de publicações desses

jornais que compreenderam o período de uma semana. Não chegamos a publicar. Mas o resultado que obtivemos na ocasião é de que predominava o emprego de travessões no jornal *Zero Hora* e de parênteses no *Diário Gaúcho*, sendo que, neste, tais sinais eram empregados em situações que poderiam ser consideradas óbvias, como “ginecologista (médico de senhoras)”. Atribuíamos esse emprego ao fato de os travessões parecerem ser sinais carregados de maior “erudição”.

Resolvemos retomar a pesquisa, então de maneira mais sistematizada, procurando verificar se o que havíamos observado ainda persistiria. Para tanto, fizemos um levantamento de ocorrências de uso de parênteses e de travessões em todas as edições dos dois jornais que circularam no mês de maio de 2011. Os resultados são mostrados na seção seguinte.

4.2 Apontamentos de análise

De todo o corpus que levantamos, trazemos aqui alguns recortes para tecermos alguns comentários acerca do uso de travessões e de parênteses, numa perspectiva enunciativa. Quanto aos travessões, descartamos aqui aqueles empregados para introduzir um discurso direto. Valemo-nos apenas daqueles com função semelhante à dos parênteses, para inserir-se algum tipo do que estamos chamando aqui, genericamente, de observação. Em todas as situações, percebe-se, como reitera Lorenceau (1980, p. 91), uma intervenção mais direta do enunciador com relação ao seu interlocutor, no sentido de prestar-lhe algum tipo de esclarecimento; procurando, portanto, ser mais informativo. O que faremos é tratar de algumas especificidades.

Em ambos jornais constatamos o emprego – bastante comum – de parênteses para encerrar uma sigla, logo após o termo, por extenso, que ela sintetiza, como demonstrado a seguir. Só encontramos um caso, no DG, de travessões empregados com tal função.

[...] retração de 2% no Produto Interno Bruto (PIB) [...] 92,7% do PIB, conforme [...]. (ZH, 05/05/2011, p. 26).

[...] Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) [...] Instituto de pesquisa Aplicada (IPEA) [...] fundação de Economia e Estatística (FEE) [...]. (ZH, 26/05/2011, p. 38).

A Fundação de Assistência Social e de Cidadania (Fasc) [...]. (DG, 25/05/2011, p. 06).

O Departamento de Esgotos Pluviais (DEP) [...].(DG, 25/05/2011, p. 06).

[...] a presença [...] da UPC – Unidade de Polícia Comunitária – da BM. (DG, 14/05/2011, p. 6).

Também é comum aos dois jornais o emprego de parênteses com siglas para indicar o partido político e o estado pelo qual foi eleito um político, conforme demonstrado a seguir. Travessões com tal função não foram encontrados.

[...] o texto do deputado Aldo Rabelo (PCdoB-SP) [...]. (ZH, 25/05/2011, p. 14).

[...] o texto do relator Aldo Rabelo (PCdoB-SP). (DG, 25/05/2011, p. 2).

Em ambos jornais encontramos parênteses e travessões marcando informações constituídas de hipônimos que servem para exemplificar hiperônimos.

[...] vitamina C (laranja, kiwi, acerola, pimentão), betacaroteno (cenoura, abóbora, mamão, tomate), vitamina E (nozes, castanhas e óleos vegetais) e zinco (carnes e cereais integrais). (DG, 23/05/2011, p. 32).

[...] ervas frescas (tomilho, manjericão e cebolati)
[...] ervas finas (alecrim, tomilho, manjericão, salsinha e hortelã)
(ZH, Gastronomia, 27/05/2011, p. 6).

[...] armas pesadas – incluindo um fuzil boliviano e um lança-rojão das Forças Armadas. (DG, 26/05/2011, p. 33).

Os ladrões pegaram tudo que os [sic] interessava no local: armamento – espingardas e armas curtas, cuja quantidade não foi revelada –, colete à prova de balas, uniformes e um Prisma preto, usado para escolta. (ZH, 31/05/2011, p. 36).

Igualmente nos dois veículos de comunicação os parênteses são utilizados para indicar localizações de endereços.

[...] sede da Federasul (Largo Visconde Cairu, 17, Centro, Porto Alegre). (ZH, Cursos e Concursos, 25/05/2011, p. 2).

[...] no auditório da Smic (Avenida Osvaldo Aranha, 308). (DG, 25/05/2011, p. 6).

Outro emprego de parênteses em caráter localizador, mas numa perspectiva dêitica, também é encontrado nos dois jornais. Nestes exemplos, temos localizações espaciais referentes à disposição de ilustrações na página.

O pavilhão, que estava praticamente inutilizado (foto menor), está [...]. A piscina de espumas (abaixo), de 2m [...]. (DG, 03/05/2011, p. 11).

[...] nomes já no páreo (confira o quadro abaixo), países [...]. (ZH, 19/05/2011, p. 32).

[...] Adam Martynyuk (à direita) brigou [...]. (ZH, 19/05/2011, p. 32).

Constatamos também empregos dêiticos para localização temporal. Nos dois primeiros casos, encontrados apenas na ZH, vemos justificada as observações entre parênteses, tendo em vista tratar-se de situações que envolvem diferenças de fuso horário, embora, no primeiro caso, pareça desnecessário o emprego de destaque em itálico. Nos dois últimos – encontrados em ambos jornais, mas com mais ocorrências no DG, vemos como desnecessárias e redundantes as informações constantes dentro dos parênteses, tendo em vista haver dados anteriores que, juntamente com a data do jornal, funcionam como fatores de contextualização (KOCH; TRAVAGLIA, 2007), permitindo ao receptor saber quais os referentes em questão.

[...] segunda-feira (*domingo no Brasil*), um [...]. (ZH, 03/05/2011, p. 10).

Na manhã de terça-feira (ontem à noite, pelo horário de Brasília), Tarso [...]. (ZH, 31/05/2011 [terça-feira], p. 15 – matéria sobre missão gaúcha na Coreia do Sul).

– Não vamos fazer reformulações hoje (ontem), [...] a partir de amanhã (hoje), seremos [...]. (DG, 16/05/2011, p. 13).

– Hoje (ontem), no Brique da Redenção [...]. (ZH, ZH Esportes, 16/05/2011, p. 10).

Nos dois exemplos a seguir, temos recortes de matérias sobre uma mesma temática: campanha de vacinação. No primeiro, do DG, encontramos mais um caso de redundância semelhante aos dois anteriores; no segundo, da ZH, não consta tal recurso.

[...] não se pensa em prorrogar a campanha, que termina amanhã (13). (DG, 12/05/2011, p. 7).

[...] não há definição [...] sobre prorrogar a campanha, com término previsto para amanhã. (ZH, 12/05/2011, p. 30).

Nos exemplos que seguem, tanto no DG quanto na ZH, aparece um termo em língua estrangeira cujo uso não é tão corrente, com sua explicação entre parênteses. No DG, contudo, a explicação é reiterada com outro tipo de pontuação de destaque: o itálico.

[...] ele não titubeou em utilizar a própria fortuna para financiar a Jihad (*guerra santa*) contra os americanos. (DG, 03/05/2011, p. 8).

Passou considerar a *jihad* (guerra santa) responsabilidade [...]. (ZH, 03/05/2011, p. 14).

Nestes exemplos aparece um termo que não é tão incomum assim também explicado entre parênteses em ambos jornais, quando pareceria não se fazer necessário na ZH. E novamente aparece com o destaque extra do itálico a explicação no DG. Ou seja, nos dois casos, o que se dá a entender, com tal ênfase, é que o leitor deste jornal teria uma necessidade maior de tal informação que o daquele.

[...] a polícia suspeita de latrocínio (*roubo com morte*) [...]. (DG, 09/05/2011, p. 33).

[...] suspeita de latrocínio (roubo com morte) [...]. (ZH, 09/05/2011, p. 34).

Já nos exemplos a seguir, em que o termo “peculato” parece-nos não tão usual quanto “latrocínio”, a explicação entre parênteses aparece só no DG, e novamente enfatizada em itálico. O que se pode pressupor é que leitor da ZH tenha mais conhecimento sobre o assunto ou que lhe seja mais fácil o acesso à informação que lhe seja necessária.

[...] por peculato (*apropriação de valor público por funcionário público*). (DG, 11/05/2011, p. 2).

[...] por peculato no DETRAN [...]. (ZH, 11/05/2011, p. 8).

Os exemplos seguintes – embora os dois primeiros tratem de matérias diversas, constantes em diferentes datas – parecem também denotar o pressuposto de que os leitores da ZH tenham um nível de conhecimento maior do que os do DG, já que aos leitores deste se colocam entre parênteses explicações que parecem desnecessárias àqueles.

[...] os candidatos precisam ter ensino médio (antigo segundo grau) completo [...]. (DG, 20/05/2011, p. 10).

[...] combater os índices ruins do Ensino Médio no país. (ZH, 05/05/2011, p. 38).

[...] pagamento de fiança de US\$ 1 milhão (R\$ 1,6 milhão) [...]. (DG, 21,22/05/2011, p. 2).

[...] pagamento de US\$ 1 milhão em dinheiro e uma caução [...]. (ZH, 21/05/2011, p. 32).

Nos exemplos seguintes, o interessante é que – diferentemente do que, a princípio, poder-se-ia esperar – no DG, aparece o termo – digamos – mais erudito seguido de explicação entre parênteses, enquanto que na ZH a opção é pelo emprego direto do termo – podemos dizer – mais simples. Num primeiro momento, poder-se-ia cogitar uma tentativa de tentar colaborar para uma ampliação do vocabulário do público leitor do DG. Mas, se virmos pela perspectiva do leitor da ZH, seria até de questionar-se uma possível tentativa de subestimar o vocabulário deste.

Quanto ao terceiro e ao quarto exemplo seguintes, é importante observar que, para os dois jornais, a autoria dos textos em que se encontram é de Eduardo Torres (auxiliado por Marcelo Gonzatto na ZH). Trata-se de trechos de entrevista feita com Cássio Castelarín, responsável pelo setor de desintoxicação de dependentes do Hospital Vila Nova, em Porto Alegre/RS. São, portanto, os mesmos interlocutores envolvidos na mesma entrevista, mas não são exatamente as mesmas palavras que aparecem nos dois jornais.

A medida cautelar [...] foi deferida (aceita) pelo [...]. (DG, 06/05/2011, p. 2).

O juiz [...], Alexandre Rossato da Silva Ávila, aceitou a medida cautelar [...]. (ZH, 06/05/2011, p. 47).

"[...] O benzeno (*querosene, gasolina...*) e a cal virgem, que servem para tirar a acidez da pasta de cocaína [...]." (DG, 13/05/2011, p. 37).

"[...] O querosene e a cal virgem, que servem para tirar a acidez da pasta de cocaína [...]." (ZH, 13/05/2011, p. 4).

Nos casos que seguem, constantes nos dois periódicos – embora a incidência maior aconteça no DG –, encontramos situações em que se colocam entre parênteses termos que completariam as falas dos entrevistados. Em alguns casos, como os dois primeiros, o termo pode ser facilmente recuperado com o que é informado anteriormente no texto, podendo, portanto, permanecer a elipse. Em outros, essa recuperação não é possível pelo que aparece anteriormente escrito; porém, poderiam ficar esses termos como partes dos discursos diretos em que se inserem, sem o recurso dos parênteses – bem como do destaque em itálico, quando esse ocorre – e sem que isso viesse a prejudicar a autoria de quem fala. Comprovam essa possibilidade de variação, sem prejuízo autoral, os dois últimos exemplos do bloco anterior.

[...] o líder do governo [...] já antecipava um possível veto de Dilma [...]:
– [...] A presidente não hesitará em usar seu direito constitucional (*de veto*) para proteger o meio ambiente. (ZH, 25/05/2011, p. 14).

[...] trabalho dos recicladores. [...].
– A expectativa da gente é de que lá dê mais (renda) que aqui. (DG, 10/05/2011, p. 3).

– Fui lá (*ontem*). O investigador [...].
– Por que (*polícia*) não faz algo? (DG, 05/05/2011, p. 38).

Depois de ter seu local de trabalho destruído por uma árvore que caiu num vendaval no dia 16 de abril, José [...] pensou em desistir de vender jornais e revistas.

[...]
– O movimento caiu (pela metade) porque o pessoal pensou que eu tinha parado (por causa do acidente), mas estou aqui trabalhando. (DG, 16/05/2011, p. 4).

– Essa política da guerra fiscal está esgotada, (*uma mudança*) tem que ser rápida – defendeu. (ZH, 06/05/2011, p. 11).

[...] não queria “se complicar com a Vigilância (*Sanitária*)”.
(ZH, 18/05/2011, p. 24).

Estes casos seguintes, retirados apenas do DG, são demonstrativos de uma necessidade percebida nos seus enunciadores de melhor esclarecer seus interlocutores. No primeiro e no segundo, parece-nos pertinente, tendo em vista não serem termos tão populares. Também no terceiro, já que se trata de termo em inglês de uso não generalizado – como *gay*, por exemplo. Já no quarto caso, não – e muito menos destacado em itálico –, tendo em vista que, embora se

trate de ritmo nordestino, parece ser de conhecimento popular, digamos, mais generalizado em todo o país. No quinto, o que pareceria ser, a princípio, uma explicação, na realidade, se trata de um comentário, e feito num nível de linguagem bastante informal.

[...] homofóbico (tem aversão a gays e ao homossexualismo). (DG, 09/05/2011, p. 15).

[...] a inadimplência (ter contas em atraso) passou de [...]. (DG, 26/05/2011, p. 04).

[...] embalagem azul da maconha – referência à heroína blue magic (magia azul, em português), retratada no filme. (DG, 05/05/2011, p. 38).

A parceria rendeu um baião (*ritmo nordestino*) daqueles. (DG, 09/05/2011, p. 3).

A quantidade de pop-ups (*aquelas janelinhas chatas*) que se abrem [...]. (DG, 19/05/2011, p. 34).

Encontramos ainda parênteses e travessões (com predominância destes), em ambos jornais, com algum tipo de informação que, podemos dizer, aponta algum detalhamento sobre o antecedente.

Serão contratados 17 professores e técnicos de educação física (hoje, há apenas um), além de [...]. (DG, 03/05/2011, p. 10).

Pelo menos nove assassinatos [...] Região Metropolitana – quatro deles em Porto Alegre. (DG, 09/05/2011, p. 33).

[...] deixando suas duas filhas, Carla e Simone – seis e dois anos, respectivamente – sozinhas e abandonadas. (DG, 14, 15/05/2011, p. 26).

[...] infração grave (perda de 5 pontos e multa de R\$ 127,69).

[...] causam mais alvoroço nos EUA – e também em outras partes do mundo, como no Brasil – do que [...]. (ZH, 03/05/2011, p. 10).

[...] o número de pessoas dos grupos de maior risco imunizadas estava bem abaixo do esperado — até a semana passada, apenas 58% dos gaúchos que se enquadram no público-alvo da campanha haviam sido imunizados, um total de 1,1 milhão de doses aplicadas. (ZH, 19/05/2011, p. 12).

Igualmente nos dois jornais encontramos parênteses e travessões (novamente com predominância destes), exercendo uma função que geralmente é exercida por vírgulas: encerrar uma oração explicativa, cujo nome já diz muito quanto à relação que o enunciador pode estabelecer com o receptor através dela.

[...] colega de Miralles (que tem chegada marcada para quarta-feira) no Colo Colo. (DG, 30/05/2011, p. 10).

Com o tema educação e valores – que busca reforçar os conceitos de que a educação é responsabilidade de toda a sociedade e os valores humanos estão na base desse processo – serão realizadas atividades [...]. (DG, 05/05/2011, p. 3).

[...] o São Paulo (que cresceu bem menos) de R\$ 190 para R\$ 134 milhões [...]. (ZH, 13/05/2011, p. 41).

[...] requisições de pequeno valor – que serão limitadas a 1,5% da receita líquida do Estado – [...] contribuição na previdência – que pelo projeto [...] R\$ 3.689,66. (ZH, 31/05/2011, p. 14).

Os exemplos seguintes trazem um uso que encontramos tanto num jornal quanto noutra: o termo “risos” entre parênteses – emprego esse comum em mensagens que circulam na internet –, enfatizado por *itálico*, em situações de discurso direto. Normalmente, em jornais, se tal atitude é expressa, tem sido costume fazê-lo através do narrador: algo como “– disse sorridente –”. Podemos perceber, portanto, influência da escrita das mídias eletrônicas na da mídia impressa.

– Nossa [...]! Eu também estou feliz em estar aqui, viu? (*risos*) Mas [...]. (DG, 25/05/2011, p. 16).

– Até agora tem sido tranquilo. [...] tenho que ir embora da praia (*risos*). (ZH, 23/05/2011, p. 4).

5 Conclusão

A análise dos recortes proporcionou-nos reiterar, de um modo mais geral, a dimensão enunciativa da pontuação. Mais especificamente, pudemos constatar essa dimensão nos parênteses e nos travessões, sinais demarcadores de polifonia, em que se percebe uma intervenção mais direta do enunciador junto a seu interlocutor, procurando prestar-lhe algum tipo de esclarecimento e ser, portanto, mais informativo.

Quanto à comparação do uso desses sinais de pontuação nos jornais *Zero Hora* e *Diário Gaúcho*, a constatação maior é de que pouca diferença há, atualmente, entre eles. Ainda se percebe uma tênue predominância de certas explicações – principalmente de termos não tão usuais – no DG – e neste, de modo mais reiterado, em *itálico* –, o que permanece possível relacionar a certos diferenciais entre os públicos a que se destinam esses veículos de comunicação. Mas o que mais nos chamou atenção foram dois empregos, que encontramos em ambos periódicos. O primeiro refere-se ao uso, entre parênteses, de determinados termos que, a nosso ver, não se fazem necessários, não trazendo maiores contribuições ao leitor, como, por exemplo, observar que o “hoje” enunciado por um entrevistado é o “ontem” com relação à data de circulação do jornal. Ou “completar” um discurso direto com termos facilmente recuperáveis, imediatamente, no próprio texto ou que poderiam tranquilamente fazer parte do discurso relatado sem precisar colocar entre parênteses, pois não “afrontariam”

a autoria da citação. O segundo está relacionado ao emprego do termo “risos” entre parênteses, à maneira de textos mais informais que circulam na internet – grau de informalidade esse que, a nosso ver, (ainda, pelo menos) não são adequados a determinados textos informativos.

Há ainda outras questões interessantes que podem ser analisadas, comparando-se a ZH e o DG, em uma perspectiva das teorias do texto e do discurso. Mas ficam para outras ocasiões.

Recebido em julho de 2015.

Aprovado em julho de 2015.

Punctuation and theories of text and discourse: comparing the use of parentheses and pair of dashes in two newspapers of the same company communication from Porto Alegre/RS

Abstract

According to Chacon (1998), the punctuation works in various dimensions of language, but the author highlights the phonic, syntactic, textual and the enunciative. We direct, in this paper, our focus to the enunciative dimension, in which punctuation marks are seen as enunciative marks of the writing process and of the writer's activity of organizing their text and, at the same time, appear as the subject of this writing process. We deal here, more specifically, with the use of two marks: the parentheses and the pair of dashes, which are among those referred to Catach (1980) as "signs of enunciation". For this work, we continue the analysis of texts from two newspapers from the same news organization in Porto Alegre/RS: Zero Hora and Diário Gaúcho, being the second one, a more popular appeal newspaper. In our analysis, we seek to observe how the use of parentheses and pair of dashes behaves in such texts. What we have already found, and we seek to return to check if there is a continuity, is that the use of dashes predominated in the newspaper Zero Hora and parentheses in Diário Gaúcho. We attribute this adoption to the fact that dashes appear to be signs considered as higher "learning." What we can assure now is that, currently, there is not so much differentiation in the use of these signs, there is a certain balance in their use in both media. However, some predominance of certain explanations can still be seen – especially in terms that are not so ordinary – in DG – and in this, more regularly in italics – which can still relate to certain differentials between the public to whom this journals are aimed.

Keywords: Brackets. Pair of Dashes. Theories of Text and Discourse. Enunciation. Bakhtin.

Referências

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS. *Maiores jornais do Brasil: os maiores jornais do Brasil de circulação paga, por ano.* [2011]. Disponível em: < <http://www.anj.org.br/a-industria-jornalistica/jornais-no-brasil/maiores-jornais-do-brasil>>. Acesso em: 20 jul. 2011.

BAJTÍN, Mijail M. *Hacia una filosofia del acto ético, De los borradores y otros escritos.* Barcelona: Antropos, 1997.

BAKHTIN, Mikhail M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992b.

BAKHTIN, Mikhail M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1992a.

BAKHTIN, Mikhail M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2002a.

BAKHTIN, Mikhail M. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 5. ed. São Paulo: Annablume, Hucitec, 2002b.

BESSONAT, Daniel. Enseigner la... “punctuation”?(!) *Pratiques*, n. 70, p. 9-45, juin 1991.

CATACH, Nina. La ponctuation et les systèmes d’écriture: dedans ou dehors? In: DEFAYS, Jean-Marc; ROSIER, Laurence; TILKIN, Françoise. (Éd.). *À qui appartient la ponctuation?* Paris: Duculot, 1998. p. 31-43.

CATACH, Nina. *La ponctuation*. 2^e. éd. Paris: PUF, 1996.

CATACH, Nina. La ponctuation. *Langue Française: la ponctuation*, n. 45, p. 16-27, 1980.

CHACON, Lourenço. *Ritmo da escrita: uma organização do heterogêneo da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

DIÁRIO Gaúcho. [s. d.]. Disponível em:

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Di%C3%A1rio_Ga%C3%BAcho>. Acesso em: 20 jul. 2011.

KOCH, Ingedore Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A coerência textual*. 17. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

LEBLANC, Julie. La ponctuation face à la théorie de l’énonciation. In: DEFAYS, Jean-Marc; ROSIER, Laurence; TILKIN, Françoise. (Éd.). *À qui appartient la ponctuation?* Paris: Duculot, 1998. p. 87-98b.

LORENCEAU, Annete. La ponctuation chez les écrivains d’aujourd’hui: résultats d’une enquête. *Langue Française: la ponctuation*, n. 45, p. 88-97, 1980.

ORLANDI, Eni P. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas, SP: Pontes, 2001.

ROSIER, Laurence. Discours grammatical et ponctuation: l’exemple du discours rapporté. In: DEFAYS, Jean-Marc; ROSIER, Laurence; TILKIN, Françoise. (Éd.). *À qui appartient la ponctuation?* Paris: Duculot, 1998. p. 353-364.

SERÇA, Isabelle. La parenthèse: *troisième dimension* du texte proustien. In: DEFAYS, Jean-Marc; ROSIER, Laurence; TILKIN, Françoise. (Éd.). *À qui appartient la ponctuation?* Paris: Duculot, 1998. p. 117-129.

ZERO Hora. [s. d.]. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Zero_Hora#Hist.C3.B3ria>. Acesso em: 20 jul. 2011.